

O OLHAR DO PROFESSOR NA INTERPRETAÇÃO DE DESENHOS INFANTIS:
estudo realizado na Escola “Jardim de Infância O Pescador”, em Raposa- MA, com crianças
de quatro a cinco anos de idade.*

Laise Raquel Meireles Galvão**

INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR FRANCISCANO

RESUMO

O Desenho é capaz de contribuir para o desenvolvimento humano, pois tem um papel fundamental na construção do pensamento de uma criança e de sua aprendizagem. Por meio do desenho a criança entende o mundo ao seu redor e tem as primeiras experiências, vez que utiliza as ilustrações como uma forma de linguagem para se comunicar quando não sabe se expressar verbalmente, e os adultos, de compreender a forma de pensar dos pequeninos. Este estudo nos faz entender que o desenho é o primeiro formato de expressão gráfica infantil e é existente em diversas culturas. Ao desenhar, a criança deixa suas marcas e registra seus pensamentos e sentimentos, sua imaginação e criatividade sendo imaginários ou reais. A pesquisa foi realizada na Escola “Jardim de Infância O Pescador”, na cidade de Raposa – MA, com crianças de quatro a cinco anos de idade. Portanto, o trabalho aqui apresentado visa ressaltar a relevância do olhar do professor na interpretação do desenho infantil e a extensão de sua visão como suporte influenciador no aspecto cognitivo, psicomotor, emocional e social das crianças.

Palavras-chave: Professor. Desenhos infantis. Educação infantil.

1 INTRODUÇÃO

O desenho é crucial para a criança que inicia a vida escolar, visto que nessa fase desenvolve o nível pré-silábico e, por conseguinte inicia a reprodução de traços da escrita de adultos. Por meio dos desenhos, a criança desenvolve a aptidão da língua e escrita no decorrer do processo de alfabetização, bem como expressa suas emoções. É nesse estágio que eles têm o primeiro contato com o lápis e o papel, que acabam por iniciar os primeiros passos para a consolidação da escrita.

Diante desse pressuposto, o profissional que não conhece a importância do desenho para o processo da escrita deverá reavaliar sua instrução, uma vez que o desenho é o ponto inicial da aprendizagem em nível escolar, e não só um momento de entreter as crianças, haja vista que seus traços, riscos, rabiscos são significativos e indicativos. Ora, pelos desenhos o educador poderá identificar dificuldades e desenvolver habilidades futuras no

* Artigo Científico apresentado ao Curso de Pedagogia do Instituto de Ensino Superior Franciscano para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

** Graduada do 8º período do Curso de Pedagogia do Instituto de Ensino Superior Franciscano.

indivíduo por meio de atividades livres e dirigidas, adequando as fases pelas quais as crianças estejam passando. A criança cria e recria individualmente formas expressivas, integrando percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade, que devem ser assimilados ao processo aprendizagem, motivo que me fez aprofundar meus conhecimentos através da pesquisa.

Contudo, busca-se nesta pesquisa observar e analisar a partir do seguinte questionamento: De que forma o professor pode identificar, com base nas interpretações dos desenhos dos seus alunos, as influências emocionais e cognitivas?

Para responder o questionamento proposto, foram estabelecidas as seguintes hipóteses:

- a) Os desenhos da criança da educação infantil revelam suas dificuldades na aprendizagem;
- b) Por meio dos desenhos há um favorecimento entre a relação emocional ao processo de ensino e aprendizagem, através da interpretação;
- c) O desenho tem uma função terapêutica, através de estímulos que fazem com que a criança saia da empatia e isolamento, manifestando assim um quadro de desenvolvimento geral da criança, tanto na construção de símbolos da escrita e na comunicação verbal.

Como objetivo da pesquisa tem-se: analisar o olhar do professor na interpretação dos desenhos dos seus alunos, e se os mesmos têm influencias emocionais e apresenta alguma dificuldade na aprendizagem.

Para a efetivação desta pesquisa faz-se o uso de uma abordagem qualitativa e pesquisa bibliográfica, também como a utilização da pesquisa de campo.

No âmbito social, a interpretação de desenhos infantis é relevante porque permite que os docentes possam se aprofundar no processo investigativo a partir do uso dessa ferramenta, mas, percebe-se a desvalorização e a falta de conhecimento da prática adequado por partes dos profissionais da educação em utilizar como uma metodologia para alcançar um processo de ensino eficaz.

O artigo se divide em cinco capítulos: a introdução que apresenta alguns pontos relevantes que subsidiarão o artigo; o segundo capítulo ressalta a construção histórica do conceito de desenhos e sua importância para o ensino aprendizagem apresentando as fases de desenvolvimento do desenho da criança; já o capítulo subsequente versa sobre a posição de diferentes autores, a partir das concepções teóricas e significado do desenho infantil, pontuando como a criança desenha e sua percepção sobre o seu ato fantasioso e o desenvolvimento emocional infantil. Em ato contínuo, no quarto capítulo abordar-se-á sobre a

pesquisa de campo e seus resultados; e, por último, as considerações finais destacando relevância para a aprendizagem infantil.

2 A IMPORTÂNCIA DOS DESENHOS INFANTIS COMO IDENTIFICAÇÃO DA RELAÇÃO EMOCIONAL E O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM

Quando nos propomos a estudar o desenho, reconhecemos que este inicia ao mesmo tempo em que a história do homem, dado que identificamos na pré-história cenas gravadas nas paredes. Desde a pré-história o desenho teve o intuito de comunicação entre as pessoas, já nessa época desenvolviam um avançado domínio técnico, criando imagens que imitavam a realidade e algumas representações simbólicas, que transmitiam resultados e movimentos que era uma conexão com tudo o que estava a sua volta, facilitando o desenvolvimento de uma linguagem falada e escrita posteriormente.

Nesta perspectiva, Derdyk (1993, p. 10) destaca que,

O homem sempre desenhou. Sempre registros gráficos, índices de sua existência, comunicados íntimos destinados à posteridade. O desenho, linguagem tão antiga e tão permanente, sempre teve presente, desde que o homem inventou homem. Atravessou as fronteiras espaciais e temporais, e, por ser tão simples teimosamente acompanha nossa aventura na Terra.

Portanto o desenho é feito há muito tempo. São leituras que acontecem por meio de linguagem visual geralmente quando pensamos na palavra ler, interpretamos somente o ato de fazer leitura de textos e escritos. No entanto, há outros tipos de leitura. Também se podem ler imagens e gestos, ou interpretar desenhos, traços rabiscos sons e movimentos corporais.

A Arte Rupestre, uma forma de linguagem tão primitiva quanto simples, que encontramos em culturas humanas com simbologias, religiosas e ritualísticas, foi o ponto de partida da humanidade e de lá para cá não paramos de criar imagens. No tocante aos pequenos não é diferente. Com os desenhos, pinturas ou gravuras infantis, é criado o alicerce da escrita, contribuindo para que a criança ensaie a primeira forma de expressão de como ela ver o mundo e de como está inserida.

Nesse desiderato, esclarece Porcher (1992, p. 10):

Os desenhos infantis são, portanto palavras. Ao desenhar, a criança expressa coisa diferente do que sua inteligência ou nível de desenvolvimento mental; uma espécie de projeção da sua própria existência e da dos outros, ou melhor, da maneira pela qual se sente existir, e sente os outros existirem. (PORCHER, 1992, p. 10)

A criança comunica-se com o mundo através do desenho, antes de chegar propriamente ao desenho ela passa pela fase da garatuja com a gradativa evolução do rabisco, assim, passa a expressar suas memórias naquilo que desenha. Na fase da garatuja Lowenfeld e Britain (1970) classifica esta etapa a fase de dois a quatro anos de vida da criança. A arte de desenhar de uma criança se estabelece inicialmente no contato que a criança tem com o ambiente que está inserida e suas próprias experiências sensoriais.

A garatuja, rabisco, desenho e a escrita são meios de comunicação construída pelo homem durante sua história de vida com a intenção de transmitir a comunicação, direta ou indireta.

O desenho é incompreensível para nós, mas, para a criança qualquer rabisco é cheio de conteúdo e de vários significados e simbologias.

A criança que tem muita oportunidade para desenhar irá explorar uma maior quantidade de tipos de grafismo, sendo assim a sua percepção se torna acentuada.

As garatujas são conhecidas por serem reproduções gráficas, abstratas, significativas e expressivas que estão contidas em qualquer desenho representativo. O rabisco é uma ponte de comunicação entre o corpo e o papel.

No começo a criança desenha a forma de garatuja desordenada, que é o primeiro contato, desenha pelo simples fato do movimento, nesse estágio não faz ligação da mão com os olhos, são traços leves. A etapa seguinte é a longitudinal, que é ordenada e coordena sua atividade motora, todavia não tem intenção de representar algo concreto, apenas explora a percepção espacial no papel. Costuma ter traços mais fortes, entretanto muitas vezes por não ter noção do campo do papel os traços acabam por sair do papel e as linhas se sobrepõem umas às outras formando vários rabiscos. Em vista disso, observa-se que alguns gestos são largos e expansivos, enquanto outros, pequenos e introvertidos.

Logo após vem o garatuja ordenada circular, em que a criança domina movimento circular e inicia uma representatividade. Por último a garatuja nominada, que é conhecida por mesclar as etapas anteriores, isto é, evolui do pensamento motor para o pensamento representativo. Nessa fase, a criança faz a junção da linguagem motora e a linguagem oral, contando histórias por meio de frases.

Uma das formas de evoluir a percepção e incitar o conhecimento da criança abrange o ato de desenhar, sendo o desenho uma amostra semiótica, pois demonstra a forma como a criança compreende o mundo.

Nos dizeres do ilustre Lowenfeld (1970, p. 151):

De qualquer modo, as primeiras experiências representativas, de um homem, não devem ser consideradas uma representação imatura, pois na realidade, um desenho é principalmente, uma abstração ou um esquema de uma vasta gama de estímulos complexos e o início de um processo mental ordenado.

A criança rabisca e rabisca, e num piscar de olhos descobre uma gente, uma semente um animal, um brinquedo. Qualquer forma redonda, quadrada, vazia, pequena, comprida, agrupada, qualquer que seja a configuração tem significados. (DERDYK, 1993, p. 100).

Na fase pré esquemática a criança é um ser egocêntrico no mundo onde ela vive, o que a leva desenhar incansavelmente, principalmente desenhos de seres humanos, que ela se reconhece. Nesses desenhos são feitos apenas um círculo modesto ou torto, que simula uma cabeça, e depois ligada por traços que são as pernas e braços, que é o esquema corporal. Neste sentido, Freire (1997, p. 45) ressalta que,

Para o ser humano, não basta fazer, é preciso compreender (fazer em pensamento) [...]. No brinquedo simbólico, na sua construção imaginada e corporificada, a criança vive e representa um sem-número de relações. Saltar um rio largo, atravessar uma ponte estreita, repartir a comida feita, são atividades que materializam, na prática, a fantasia imaginada, e que retornarão depois da prática em forma de ação interiorizada, produzindo e modificando conceitos, incorporando-se às estruturas de pensamento.

Em continuidade, Perondi (2001, p. 175) afirma que “[...] os desenhos podem ser causados por ocorrências não previsíveis, porém, frequentemente, eles se relacionam por acontecimentos próximos ou por circunstâncias idênticos às experiências já vividas”.

De ante dessa afirmativa é compreensivo que as crianças são seres pensantes e reflexíveis e que através desses desenhos manifestam o real e imaginário, portanto iniciam a capacidade simbólica desenvolvendo a imaginação e sua capacidade de criar.

No que tange o desenho infantil, inicialmente as crianças imitam a escrita do adulto sem nenhuma relação com representações lógicas. Vygotsky (1998), afirma que “[...] o ato de desenhar e brincar das crianças deveriam ser considerados estágios preparatórios ao desenvolvimento da linguagem escrita das crianças”.

Em seus estudos Vygotsky (1998, p. 29), enfatiza que: “[...] a criança, à medida que se torna mais experiente adquire um número cada vez maior de modelos que ela compreende”.

A concepção da teoria histórico-cultural explica que as figuras que são desenhadas pelas crianças apresentam a realidade conceitual, portanto ela desenha não o real do objeto, mas a sua realidade conceituada que é seu mundo de significados. Vygotsky (1993) afirma que o desenho tem uma participação da memória, pois a criança memoriza o que faz

sentido a ela e em razão disso acredita-se que o desenho de memória pode ser uma narração gráfica.

Segundo as lições de Perondi (2001, p. 175) “[...] os desenhos podem ser inspirados por circunstâncias não previsíveis, porém, frequentemente, eles se relacionam por acontecimentos próximos ou por circunstâncias similares às experiências já vividas”.

É fundamental afirmar que a criança é um ser pensante, social, sensível, que abstrai do seu mundo ao redor tudo o que necessita para sua aprendizagem, assim constrói por meio de seus desenhos um mundo real e imaginário.

Vale ressaltar que vários estudos afirmam que as características de desenhos são próprias de cada idade que não se repetem.

Na atualidade, o desenho é reconhecido como uma nova vertente de conhecimento que implica uma expressão da vida mental, portanto a criança revela por meio do desenho o que passa em sua vida pessoal, mesmo que ela ainda não seja capaz de manifestar pela linguagem falada ou escrita.

O desenho que inicialmente era realizado pelo simples deleite, num consecutivo procedimento de aprimoramento dos traçados pela criança, em períodos seguintes, desperta pensamentos novos quando a criança começa a entender certos “erros” que comete ao produzir desenhos.

Esses “erros” muitas vezes proporcionam um desenvolvimento, posto que a criança tenta “resolver as falhas”. Entretanto, nesse momento, “[...] de modo algum é o pensamento que dirige e regula o ato da criação. É da criação que originalmente nascem à explicação, a comparação e o pensamento”. (FREINET, 1977, p. 86). Conforme citação abaixo que esclarece que:

No transcorrer do desenvolvimento do desenho, Freinet elucida que a criança fala de si por próprio, por meio da produção de desenhos no momento em que ela domina o desenho, pois antes disso, ela se desenvolve experimentalmente sem algo completo. A criança só poderá falar de si pelo desenho quando estiver segura do lápis. Até lá, a técnica é demasiado imperfeita e o instrumento falha a cada instante. A criança tira vantagem disso e realiza os seus desenhos segundo o princípio da tentativa experimental que definimos. Depois ajusta como lhe for possível, a sua expressão verbal à sua criação gráfica, mas um pouco como se estes grafismos não lhe fossem pessoais. (FREINET, 1977, p. 91-92).

Os autores Ferraz e Fusari (1993) compreendem que a imaginação em atividade é uma atividade de criação, que é o resultado de suas vivências e de alguns elementos de sua realidade. Portanto desenhar é uma representação real ou abstrata que está ligado a imaginação.

A criança se mostra confiante, pois acredita imensamente em sua imaginação apoiando-se nas suas vivências, desejos e interesses para as representações.

3 O OLHAR DO PROFESSOR NA INTERPRETAÇÃO DOS DESENHOS

O desenho é um método que pode ser aprimorado no desenvolvimento do ensino e aprendizagem, em outras palavras os desenhos das crianças desenvolvem a linguagem, a coordenação motora, memória, socialização do pensamento, criatividade, o desempenho, a autoestima, a comunicação e a leitura do mundo.

Estudos afirmam que o cérebro inicia sua capacidade quando somos pequenos e quanto mais estímulos nos proporcionam nascem mais neurônios e isto melhora a nossa capacidade cognitiva. Outro ponto é o processo biológico que é respondido para o cérebro às experiências do meio ambiente que cada um está inserido.

Portanto o ato de desenhar tem uma ligação íntima à escrita. A criança quando começa a perceber o mundo da escrita fica no estado de deslumbramento e tenta imitar a escrita dos adultos, assim inicia por meio do desenho essa fase de iniciação do desenho.

Certamente as garatujas e os desenhos não são rabiscos sem importância, a julgar pelo que é representado pelas crianças em seus primeiros passos com a escrita tudo tem um significado, e, portanto, cabe ao professor um olhar transformador fazendo dessa apreciação um método de ensino tão apropriado quanto qualquer avaliação quantitativa. O docente deve auxiliar o aluno no processo de aprendizagem para que este se aproprie do conhecimento, sabe-se que a criança constrói seu conhecimento a partir das vivências do mundo onde vive e deve-se estimular essa vivência. Através desses rabiscos a criança percorre o caminho até as representações gráficas.

Ademais, compete ao professor apropriar-se das fases do desenho infantil e sua relação com a escrita gráfica e simbólica no intuito de proporcionar aos educandos aulas interativas e produtivas. Contudo Moreira (2009) menciona que o professor deve previamente valorizar o desenho e sua linguagem, uma vez que esse reconhecimento por parte do professor tem grande significado para a criança já que tem o poder de desmotivá-la ou estimulá-la.

O educador deve conhecer as fases dos desenhos e sua importância para incitar o aprendizado dos alunos, com esse ato favorecerá o desenvolvimento integral. Quando o professor não tem o conhecimento sobre as fases do desenho, ele poderá ter atitudes inapropriadas ao desenvolvimento saudável dos menores, como, por exemplo, repreender ou

desmerecer as crianças quando estão praticando, riscando seu corpo, paredes, papéis e móveis e tudo que acarretem expressão negativa. O docente tem a responsabilidade de criar um ambiente especial para essa finalidade, porquanto isto implicará um adulto seguro de suas atitudes e uma criança mais criativa.

Colaborando o exposto acima, ressalta-se o posicionamento de Almeida (2003, p. 27):

[...] as crianças percebem que o desenho e a escrita são formas de dizer coisas. Por esse meio elas podem “dizer” algo, podem representar elementos da realidade que observam, e com isso, ampliar seu domínio e influenciar sobre o ambiente.

No ambiente escolar o educador deve aprimorar seus métodos de apresentar o desenho às crianças, neste sentido o desenho deve ser direcionado ou livre.

É na escola que as crianças iniciam sua vivência e suas primeiras relações de experiências fora de casa, quando começam a ter um conhecimento maior sobre a vida em grupo. Isto posto, é necessário transformar este local num ambiente caloroso, agradável, acolhedor e estimulante, para que os alunos se ajustem ao espaço escolar e possam trocar experiências sociais e educativas, que estimulem sua livre expressão. Além do mais, na pré-escola a criança não desenha com realismo um objeto, no entanto quanto maior for o interesse pelo que ela desenhou mais riqueza de detalhes terá de acordo com suas próprias experiências. Deste modo, mais uma vez evidencia-se o relevante papel de interpretação do professor na educação, pois é nesse momento que o educador consegue separar e reunir elementos próprios de cada aluno.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil:

O desenvolvimento progressivo do desenho implica mudanças significativas que, no início, dizem respeito à passagem dos rabiscos iniciais da garatuja para construções cada vez mais ordenadas, fazendo surgir os primeiros símbolos. (BRASIL, 1998, p. 92).

No processo da garatuja a criança consegue um tímido controle sobre o lápis em contato com o papel por meio desse momento o professor começa a avaliar e a utilizar esse estágio de conhecimento seja motor ou de percepção, nesse caminho o profissional da educação inicia a sua caminhada para o ensino, dessa maneira dando condições a criança e instrumentos que estimule a aprendizagem.

Como dispõe o Referencial Curricular Nacional Infantil:

Na garatuja, a criança tem com hipótese que o desenho é simplesmente uma ação sobre uma superfície, e ela sente prazer ao constatar os efeitos visuais que essa ação produziu. A percepção de que os gestos, gradativamente, produzem marcas e representações mais organizadas permite à criança o reconhecimento dos seus registros. (BRASIL, 1998, p. 925).

Um dos pioneiros a estudar o desenho infantil foi Luquet (1969). O filósofo francês investigou o processo de elaboração do desenho em crianças e descobriu os quatro estágios de desenvolvimento que acontece durante a vida infantil: a) realismo fortuito, que é a prática do criança esboçar traços, associando a objetos e comparando-os, finalizando assim a etapa dos rabiscos; b) o realismo falhado, em que a criança tenta reproduzir as formas de objetos e pode conseguir ou não; c) realismo intelectual, nesta etapa a criança possui conhecimento e desenha o que sabe sobre o objeto e d) o realismo visual, nesse período o desenho perde suas características infantis iniciando a representação real dos objetos.

Para Luquet (1969, p. 135) o ato de desenhar da criança “[...] não mantém as mesmas características do princípio ao fim. Portanto, convém fazer sobressair o caráter distintivo das suas fases sucessivas”. Ele crê que qualquer desenho tem um fundo de realismo, pois a criança reproduz o real diante dessas observações ele qualificou como estágios do realismo.

Alguns autores afirmam que quando a criança conclui os primeiros estágios do desenho inicia o desenvolvimento da escrita. Wallon (apud SINCLAIR, 1987, p. 77) assegura que o “desenho aparece espontaneamente; seu desenvolvimento baseia-se na interpretação que a criança dá às próprias garatujas a escrita aparece como uma imitação das atividades do adulto”. O desenho contribui para o desenvolvimento da criança que reflete seu desenvolvimento emocional, cuja representação do desenho pode estar repleta de sentimentos.

Na visão de Derdyk (1994, p. 51):

O desenho é a manifestação de uma necessidade vital da criança: agir sobre o mundo que a cerca, intercambiar, comunicar. A criança projeta no seu desenho o seu esquema corporal, deseja ver a sua própria imagem refletida no espelho do papel.

Nos desenhos percebemos com clareza e certeza as preferências, interesses, conflitos emocionais e seu nível de inteligência e amadurecimento, devemos perceber nos pequenos e grandes detalhes, como cores, traços, fisionomias, tamanhos, tudo deve ser levado em consideração ao se interpretar os desenhos.

Ao desenhar, a criança passa para o desenho uma espécie de marca única de sua vivência, que ela mesma pode gostar ou não. Dessa maneira, a criança apropria-se do desenho. Ela pode dar, jogar fora, guardar, presentear ou destruir, como também pode fazer uma interpretação verbal, pode contar uma história ou simplesmente falar com uma só palavra o que desenhou ou na mesma hora mudar o contexto da historinha ou apenas desenhar para se divertir, sendo assim intérprete da sua própria ilustração.

Assim sendo, compreendemos que o ser humano é de fato um ser de expressão e nessa marca, o desenho torna-se um canal substancial na comunicação interpessoal.

O desenho proporciona uma alternativa de revelação do inconsciente, ou seja, as emoções que as crianças não conseguem proferir por meio das palavras. É necessária a estimulação do desenho no ambiente escolar, social e familiar, para que esta criança consiga expressar sua imagem, a realidade onde vive e suas relações com o mundo, como destaca Derdyk (1994), citado por Santana (2010, p. 53):

Desenhar é atividade lúdica, reunindo, como em todo jogo, o aspecto operacional e o imaginário. Todo o ato de brincar reúne esses dois aspectos que sadiamente se correspondem. A operacionalidade envolve o funcionamento físico, temporal, espacial, material, as regras; o imaginário envolve o projetar, o pensar, o idealizar, imaginar situações. Ao desenhar, o espaço do papel se altera.

Os traços e rabiscos dizem muito mais que palavras ou atitudes que a criança possa apresentar, quando a criança desenha ela representa algo simbolicamente, seja um adulto, seja algum momento que tenha vivenciado. Somente observando os desenhos é que se tornam claros traços do real, e também de um imaginário que ela mesma constrói a partir do sua realidade, por meio da capacidade simbólica que as crianças possuem elas desenvolvem mais fortemente a habilidade de criar, de construir.

No papel aparecem formas humanas ou formas soltas onde não existe a obrigação dos desenhos serem legítimos, tendo em conta que na educação infantil os pequenos pintam e constroem o que sabem da realidade ou o que simplesmente sentem e, é nesse momento que o educador deve instigar a ampliação de conhecimento daqueles, questionando-lhes para que procurem em suas próprias memórias tudo que conhecem do mundo e registrem do seu modo. Cumpre ressaltar que cada criança tem uma maneira própria de produzir os seus desenhos e o educador tem a missão de expandir o repertório de imagens dos pequeninos, fazendo a ponte entre o mundo real que conhecem e a imaginação.

4 A APRESENTAÇÃO DA PESQUISA NA UNIDADE DE ENSINO JARDIM DE INFÂNCIA O PESCADOR

4.1 Caracterização do campo de pesquisa

A escola-campo escolhida foi a Instituição de Ensino “Jardim de infância O Pescador”, localizada na zona urbana de Raposa, município do estado do Maranhão, cujo endereço é Avenida Principal, s/n, Centro, CEP 65138-000, INEP 21008000. A escola tem

como entidade mantenedora a Secretaria Municipal de Educação de Raposa/MA e o curso ofertado é a Educação Infantil.

Sua inauguração aconteceu no ano de 1985, oferecendo para o centro de Raposa a Educação Infantil nos turnos matutino e vespertino. Esta escola funciona dentro do prédio da escola Unidade Integrada Sarney Filho. O Jardim de infância Pescador tem como visão realizar trabalhos de forma participativa buscando a cooperação entre todos que formam a comunidade escolar favorecendo um ensino-aprendizagem de qualidade aos alunos atendidos. Sua missão é promover um ensino de qualidade, desenvolver um ambiente participativo, de respeito ao próximo, de solidariedade e de convívio cultural, preparando os alunos para a produção do conhecimento e para o exercício da cidadania.

A escola atende uma clientela de 114 alunos, nos turnos matutino e vespertino, e para tanto conta com 14 funcionários. No que se refere a sua estrutura dispõe de uma diretoria, uma cantina equipada com fogão industrial, freezer, uma estante e um armário para armazenar utensílios, possui ainda quatro salas de aula, dois ventiladores fixos por sala, uma televisão, um aparelho de DVD, quatro banheiros, sendo um de funcionários e os demais para o uso dos alunos, sem rede de esgoto sanitário conta apenas com fossa séptica e coleta de lixo periódica. A instituição de ensino também possui pátio coberto, carteiras (conjunto) e espaço externo suficiente para ampliação e com a capacidade para a construção de mais salas de aula.

O prédio é pequeno e reserva pouco espaço às atividades pedagógicas permanentes. As produções das crianças ficam em exposição, mas sem espaço fixo (parede). Os cartazes utilizados nas aulas também são expostos sem lugar fixo. Seu quadro administrativo é formado por: uma gestora e um agente administrativo. Seu quadro pedagógico é constituído por duas Supervisoras da Educação Infantil e oito professoras O seu quadro operacional é composto por seis funcionários de serviços diversos, quatro merendeiras e quatro vigias.

4.2 Análise e discussão

Esta pesquisa apresenta a pertinência do desenho infantil como técnica didática. Tema muito discutido por estudiosos na área da Educação, que vêm dando a esse assunto atenção especial devido a utilização de atividades que envolvam o ato de desenhar no desenvolvimento da criança aplicadas ao processo de aprendizagem. Com o tema “O Olhar do Professor na Interpretação de Desenhos Infantis”, realizado na Escola Jardim de Infância O Pescador, em Raposa, MA, teve como objetivo analisar e interpretar o desenho da criança

como um fator determinante e primordial no processo ensino-aprendizagem na Educação Infantil.

Duas turmas do turno vespertino do jardim II de alunos da Escola supramencionada foram selecionadas e, a partir daí, iniciou-se a observação das crianças em sala e das professoras regentes. São 27 alunos matriculados, sendo 12 em uma sala e 15, na outra, todos entre 4 e 5 anos. As crianças das turmas selecionadas para a pesquisa são de família de classe baixa, cujos pais ou responsáveis são na maioria dos casos pescadores, lavradores (trabalham em hortas) e empregados domésticos. Frisa-se que muitos deles são beneficiários de programas assistenciais do governo.

Os alunos são deixados na escola por volta de 13h30min e o retorno ocorre no final da tarde, às 17h00min. A análise dos dados foi baseada nas informações coletadas a partir das observações das professoras de suas impressões quando trabalham as atividades de desenho. A partir da observação e dos dados coletados, foi organizado o material para análise, que teve como base o roteiro de observação dos desenhos das crianças e um questionamento para as docentes de sala de aula. Abaixo, segue uma breve descrição das questões abordadas durante entrevista (APÊNDICE A) em sala de aula e os respectivos comentários em cada um deles.

O questionamento primeiramente foi feito à professora A, cuja formação é a Normal Superior e a desempenha há 14 anos, onde pergunta-se

Você utiliza o desenho como prática pedagógica? Se sim, por quê?

A professora respondeu que: *“Mais ou menos, acredito que o desenho tem uma grande representação na vida do aluno no sentido somente de criação e de deixar a criança calma”*.

Em seguida, inquiriu-se novamente se a professora acreditava que o desenho pode representar o estado emocional ou as dificuldades das crianças?

Respondeu ressaltando que: *“Acredito que sim, pois muitas vezes observo que quando estão sem paciência ou com fome elas não desenhavam como de costume desenhavam rápido ou pintam ou quando um desenho de cor diferente que a criança não costuma desenhar ou pintar é só perguntar que logo elas contam o que está acontecendo de errado na sua casa”*.

Em ato contínuo foi indagada sobre quando a atividade em sala envolve desenho se é percebido maior interesse por parte dos alunos?

A mesma relatou que: *“As crianças ficam animadíssimas, todos ficam pedindo papel e lápis de cor, posso dizer que só perde para o recreio, claro que tem umas que preferem desenhar na hora do recreio”*.

Quando questionada sobre a forma que o desenho pode influenciar no desenvolvimento cognitivo das crianças? Como?

A professora afirmou que: *“Acredito que somente na parte locomotora, consegue pegar o lápis com mais firmeza”*.

E quando se deixou ela livre para complementar sua resposta se gostaria de acrescentar algo mais sobre essa temática?

Ela enfatizou que: *“A meu ver, o desenho é um importante método que nós professores podemos utilizar para aprimorar e facilitar o comportamento da criança, além de nos aproximar das crianças mais afetivamente, pois quando uma criança quer dar carinho ela desenha”*.

A professora B é formada em pedagogia e a exerce há 20 anos.

Quando perguntou-se sobre a utilização do desenho como prática pedagógica? Se sim, por quê?

Como resposta obteve-se: *“Talvez, sim pois sempre trato o desenho como um prêmio para que eles fiquem quietos e obedeçam”*.

Quanto ao segundo questionamento se acreditava que o desenho pode representar o estado emocional ou as dificuldades das crianças?

Sua resposta foi que: *“Sim, pois as crianças quando desenharam retratam o que estão passando em casa. Se for alegria percebemos pelo desenho e quando é tristeza também, ou seja, percebo os pontos negativos e positivos que o lado afetivo da criança, pois acredito que através do desenho podemos enxergar dentro da criança”*.

Em seguida fez-se a argumentação em relação a atividade em sala quando envolve desenho é percebido maior interesse por parte dos alunos?

Obteve-se como resposta que *“Sim ficam muito felizes e obedecem ao comando mais fácil. Gostam de competir qual o desenho é melhor e mais bonito”*.

Quando perguntou-se sobre a forma que o desenho pode influenciar no desenvolvimento cognitivo das crianças? E Como?

Ela foi taxativa em afirmar que: *“As crianças aprendem a ter firmeza na coordenação motora fina, sua imaginação e sua forma de pensar é estimulada”*.

Logo após foi inquirida se tinha algo a acrescentar em relação à temática?

A mesma retratou que: *“Sempre gostei de desenho, lembro que sempre digo aos meus alunos para desenharem muito, assim eles aprendem e têm mais interesse”*.

De maneira bem pontual, as educadoras versaram sobre o tema proposto e percebeu-se que há convergências em suas respostas em relação à importância do desenho na prática pedagógica.

Para a docente A, o desenho sempre foi um meio de estímulo à aprendizagem. Prossegue a educadora que as crianças representam algo, relata ainda que pelo comportamento da criança pode ser verificado o estado em que ela se encontra: se está ansioso, impaciente por estar com fome ou se há algum problema de fundo emocional. O que ficou óbvio é que o tema em questão suscita boas reações nos alunos.

Nesse sentido, constatou-se que a professora utiliza o desenho não só como lazer, bem como um método de relacionamento, porém fica evidenciado que o desenho não é utilizado de forma adequada pois, a professora não tem conhecimento como pode ser aproveitado o desenho para facilitar o ensino aprendizagem, por meio do desenho a educadora poderá traçar um roteiro individualizado do aprendizado da criança assim, criando alternativas pedagógicas para o ensino adequado para cada criança.

A criança desenha por satisfação com entusiasmo e se diverte expondo suas emoções, devendo, portanto, respeitar seu momento, visto que cada criança tem seu próprio tempo de executar e projetar seu desenho de acordo com sua potencialidade.

Assim explica Derdyk (1993, p. 10): “[...] um jogo que não exige companheiros, onde a criança é dona de suas próprias regras. Nesse jogo solitário, ela vai aprender a estar só, “aprender a só ser”. O desenho é o palco de suas encenações, a construção de seu universo particular”.

Com efeito, a professora B se mostrou mais sensível e isso se refletia em sua rotina pedagógica, inclusive expressada no desenho infantil. Sua relação com os alunos era mais sentimental e afetiva, com muito contato físico, mas observando à dignidade e liberdade individuais das crianças.

Leva-me acreditar que o ato de desenhar é utilizado como um meio de conexão entre a professora e os alunos, porém e visto como uma pratica pra melhorar a coordenação da criança sem outra função pedagógica a professora não tem um olhar diferenciado para avaliar os seus alunos por meio do desenho pois, a mesma não tem conhecimento sobre os estágios que a criança passa no ato do desenho sendo assim, o desenho e meramente uma maneira de acalmar as crianças ou premia-las de modo que não tem uma visão mais completa do desenho

que é atender objetivos pessoais e as metas da Administração Pública, isto é, a iniciação ao ensino das letras e números e posteriormente a alfabetização.

A propósito, ensina Porcher (1992, p. 108):

Ao desenhar, a criança expressa coisa bem diferente do que sua inteligência ou seu nível de desenvolvimento mental: uma espécie de projeção de sua própria existência e da dos outros. Eis porque a psicologia projetiva, por exemplo, utiliza muito o desenho das crianças como objetos nos quais é possível ler uma personalidade.

Acredita-se que reconhecendo as múltiplas funções do desenho, os educadores têm novas possibilidades de ensino em curto prazo, assim, me parece que a receita para acelerar o aprendizado consiste em ter o estímulo adequado em todas as etapas do desenho. De fato, ao desenhar a criança aprimora a capacidade de interpretação e leitura do mundo transmitindo essas sensações para o papel.

5 CONCLUSÃO

Em suma, verificou-se que o desenho estimula o desenvolvimento da criança em todas as suas vertentes: o lado afetivo, raciocínio, motricidade, memória visual, a criatividade e autoestima. Ao expor suas emoções, os alunos facilitam o trabalho do docente de interpretar a melhor forma de utilizar o desenho em favor da aprendizagem do educando.

Ao longo da pesquisa ficou evidente que está havendo mudanças sobre o pensamento a respeito do desenho como metodologia, vez que as escolas valorizavam prioritariamente a escrita, desprezando métodos pouco convencionais. A alfabetização encontra no desenho uma alternativa para conhecer o aluno e então criar mecanismos que viabilizem sua aprendizagem.

Nesse processo o professor deve compreender que o desenho não é apenas uma brincadeira de faz de conta, mas uma semente para muitas possibilidades de aprendizagem. Outrossim, o educador deve atentar para o fato de que a criança ao se expor fica muito vulnerável, e por também possuir uma mente moldável, compete-lhe zelar pelo seu bem estar e interferir o mínimo possível em sua personalidade. Por meio de estudos o educador pode compreender o processo do desenho assim esse olhar passa a ser outro.

Contudo ressalta-se que o desenho é um processo complexo, uma vez que é a representatividade de dois mundos da criança, a do imaginário conectado com a realidade em que a criança filtra suas melhores lembranças, utilizando suas memórias e emoções.

É necessário respeitar a autonomia dos pequenos, porque esses desenhos refletem marcadamente sua personalidade para vida inteira. Se o professor não der a devida importância a sua manifestação de representar o mundo pelos rabiscos do papel pode acarretar reflexos negativos por toda a vida adulta. É imprescindível salientar que o educador não deve reformular, corrigir, comparar ou criticar os desenhos, haja vista serem esses os únicos atos com autonomia própria.

Neste sentido, destaca-se a relevância do olhar do professor como prática indispensável na sua conduta de avaliador, pesquisador e principalmente educador, pois por meio do desenho a criança manifesta suas paixões, de personalidade de sentimentos, de raciocinar, de agir e interação em grupo ou individual perante a comunidade escolar.

Contudo, espera-se com essa pesquisa contribuir para novas discussões, incitar reflexões, interesses e descobertas sobre a relevância da temática como recurso essencial no reconhecimento do desenvolvimento do processo educativo.

THE TEACHER'S LOOK AT THE INTERPRETATION OF CHILDREN'S DRAWINGS AT "O PESCADOR KINDERGARTEN SCHOOL IN RAPOSA- MA, WITH CHILDREN OF 4 AND 5 YEARS OLD

ABSTRACT

The Drawing is capable of contributing to human development, since it plays a fundamental role in the construction of a child's thinking and learning. Through drawing the child understands the world around him and has the first experiences, instead he uses the illustrations as a form of language to communicate when he does not know how to express verbally, and adults, to understand the way of thinking of the little ones . This study makes us understand that drawing is the first format of children's graphic expression and it exists in several cultures. When drawing, the child leaves his marks and registers his thoughts and feelings, his imagination and creativity being imaginary or real. The research was carried out at the "O Pescador Kindergarten" School, in the city of Raposa - MA, with children from four to five years of age. Therefore, the work presented here aims to highlight the relevance of the teacher's perspective on the interpretation of children's drawing and the extension of their vision as an influential support in the cognitive, psychomotor, emotional and social aspects of children.

Keywords: Teacher's. Children's drawings. Early childhood education.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela Doin. **Do desenho ao mapa:** iniciação cartográfica na escola. 2. ed. São Paulo: contexto, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil.** Formação Pessoal e Social: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <www.mec.com.br>. Acesso: 20 mar. 2018.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1994.

_____. **O desenho da figura humana**. São Paulo: Scipione, 1993.

_____. **Pensamento e ação no magistério**. São Paulo: Scipione, 1994.

FERRAZ, Maria Heloísa de Toledo; FUSARI, Maria F. de Rezende. **Metodologia do ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, J. B. **Educação do corpo inteiro**: teoria e prática da educação física. São Paulo: Scipione, 1997.

FREINET, Celestin. **O método natural**: a aprendizagem da língua. Tradução de Franco de Souza e Maria Antonieta Guerreiro. Lisboa: Estampa 1977. 405p.

LOWENFELD, V.; BRITTAIN, W. L. **Desenvolvimento da capacidade Criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

LUQUET, G. H. **O desenho infantil**. Porto: Editora do Minho, 1969.

MOREIRA, Angélica Albano. **O espaço do desenho**: a educação do educador. 13. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2009.

PERONDI, D. **Processo de alfabetização e desenvolvimento do grafismo infantil**. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

PORCHER, Louis. **Educação artística**: luxo ou necessidade? 5. ed. São Paulo: Summus, 1992.

SANTANA, José Jorge Santos, **Você sabe desenhar?** O desenho da criança e a relação com o desenvolvimento cognitivo; uma experiência na Escola Estadual Governador Roberto Santos. Salvador: Generated by Foxit, 2010.

SINCLAIR, Hermine. O desenvolvimento da escrita: avanços, problemas e perspectiva, In: PALACIO, Margarita Gomes; FERREIRO, Emilia. **Os processos de leitura e escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginación y el arte en la infancia**. México: Tradução Hispánicas, 1987.

_____ Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem / Lev Semenovich Vigotski, Alexander Romanovich Luria, Alex N. Leontiev; Trad. Maria da Penha Villalobos. – São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

O presente Roteiro de Entrevista objetiva coletar dados para o Trabalho de Conclusão de Curso cujo tema versa sobre o **“O olhar do professor na interpretação de desenhos infantis”**, realizada nas turmas do **“Jardim de Infância O Pescador”**, em Raposa - MA, com crianças de quatro a cinco anos de idade. Este instrumento pretende verificar o que o professor compreende acerca das interpretações de desenho de seus alunos e sua relevância para o ensino.

Desde já agradeço a atenção dispensada.

ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADA AS PROFESSORA DO INFANTIL II

- 1) Você utiliza o desenho como prática pedagógica? Se sim, por quê?
- 2) Você acredita que o desenho pode representar o estado emocional ou as dificuldades das crianças?
- 3) Em relação a atividade em sala envolvendo desenho, é percebido maior interesse por parte dos alunos?
- 4) Você acredita que o desenho pode influenciar no desenvolvimento cognitivo das crianças? Como?

5) Em relação à temática, tem algo a acrescentar?

APÊNDICE B – A CONSTRUÇÃO DOS DESENHOS LIVRES E DIRIGIDOS EM SALA DE AULA DA ESCOLA “JARDIM DE INFÂNCIA O PESCADOR”

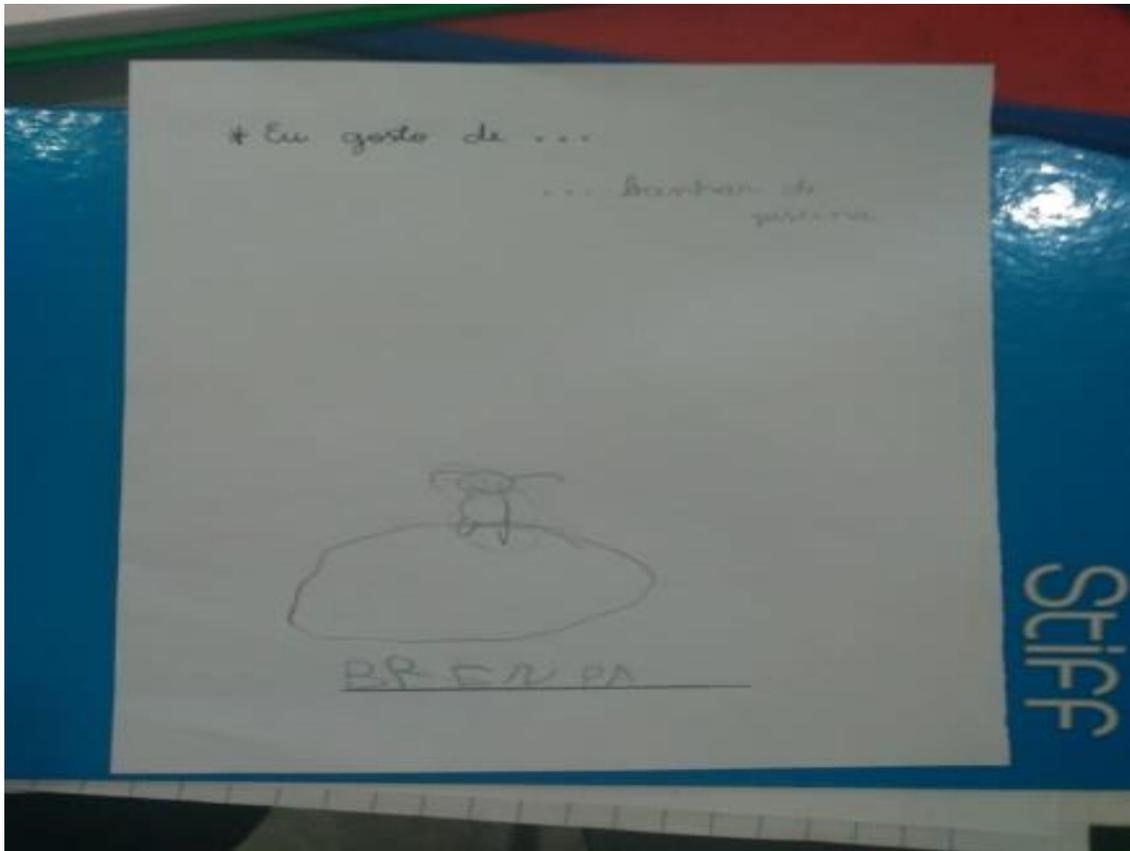


FIGURA 01- BANHAR NA PISCINA (O QUE A CRIANÇA GOSTA DE FAZER)



FIGURA 02- DESENHO DA PRÓPRIA CRIANÇA



FIGURA 03- BRINCAR NO JARDIM (O QUE A CRIANÇA GOSTA DE FAZER)

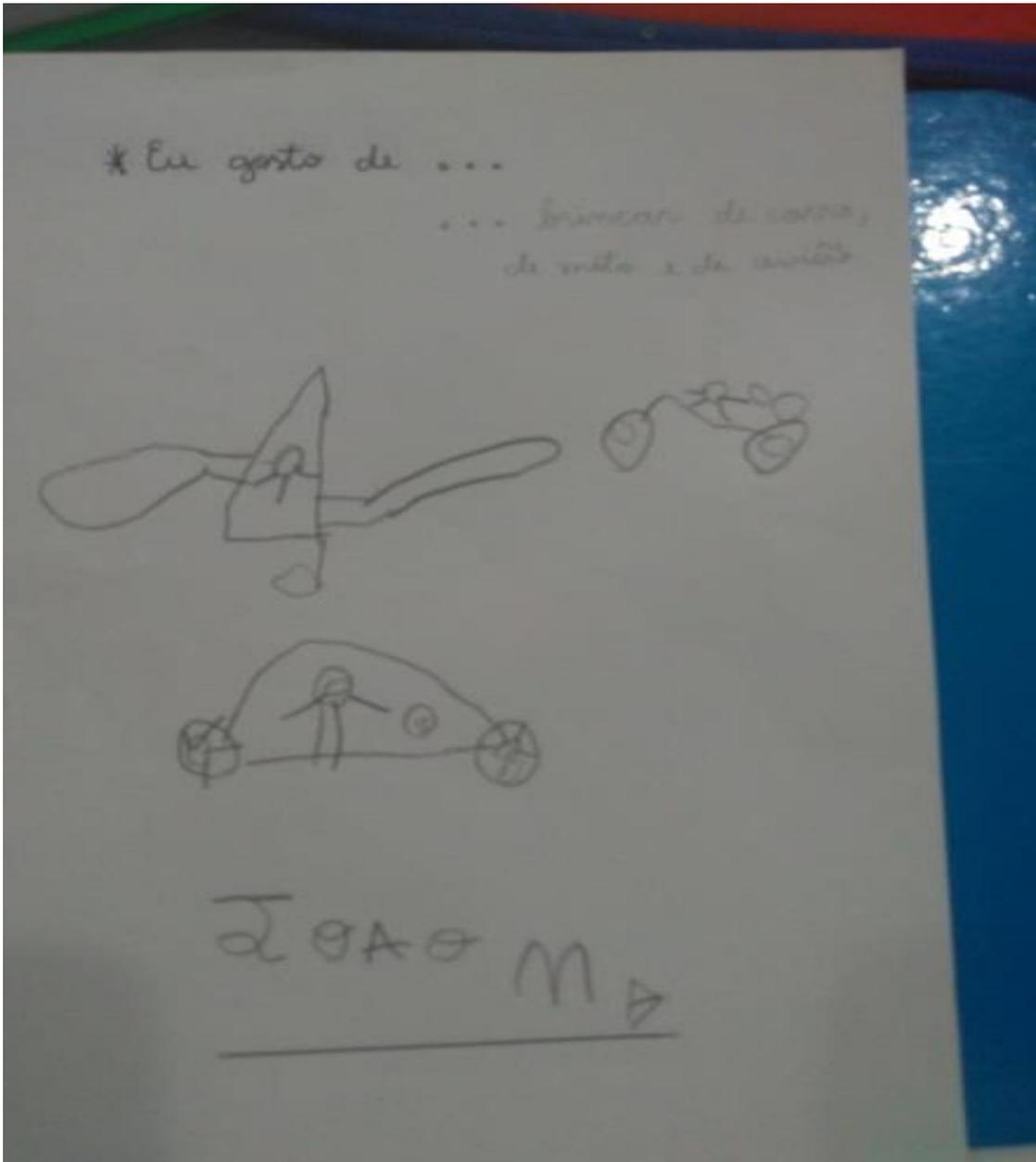


FIGURA 04- BRINCAR DE CARRO, MOTO E AVIÃO (O QUE A CRIANÇA GOSTA DE FAZER)



FIGURA 05- BRINCAR DE SER ANJO (O QUE A CRIANÇA GOSTA DE FAZER)